

O vulto de Martin Luther. *)

Ao meio dia em 31 de outubro de 1517 um modesto monge agostinho se dirigiu à Igreja do Castelo em Wittenberg para afixar na porta 95 teses referentes a um abuso que vinha sendo praticado na Igreja com a venda de indulgências. Esse fato constitui um momento histórico de projeção universal: Marca êle o ponto inicial do movimento que não somente haveria de reformar a Igreja mas deu nova feição ao mundo e à vida dos homens.

Certamente nós hoje vivemos em época diferente, época que nos dirige as suas perguntas e que exige a nossa resposta. Mas há fatos e acontecimentos que não pertencem somente a uma determinada época, mas que são de importância decisiva para todos os tempos. Já é importante conhecer a história do Reformador: Como êle, um jovem estudante, abandonou o caminho iniciado para uma carreira brilhante, contra a vontade do pai ingressa no convento dos agostinhos, tornando-se monge; como êle, por ordem de seus superiores, empreende uma viagem a Roma, cheio de esperanças de conhecer a „Cidade santa“ e como regressa, pensativo, decepcionado; como êle, consagrado a sacerdote e promovido a doutor de teologia, presta o juramento, a mão deitada sobre a Bíblia, de pregar e ensinar sempre fiel e puramente a caríssima Sagrada Escritura; como êsse jovem professor de igreja na Universidade de Wittenberg está à procura da verdade; como a verdade lhe está acima de tudo, proclamando-a publicamente sem perguntar pelas conseqüências, como não conhece medo nem respeito humanos; conhece uma única autoridade, e a ela obedece em tudo: à consciência presa na palavra de Deus. Êle sozinho se empenha em uma luta gigantesca com os maiores poderes do seu tempo, o poder do Papa e do Imperador, e nesta luta demonstra coragem e paciência, não se deixando amedrontar: Sabia que estava lutando pela verdade e a verdade vencerá. A sua própria pessoa lhe era de nenhuma importância. Tratava-se sempre e somente da verdade, não de uma verdade humana, mas da verdade que é Jesus Cristo.

*) — Discurso proferido em público pelo P. E. Schlieper por ocasião do Dia da Reforma, comemorado por Igrejas Evangélicas no Auditório Araujo Viana em Pôrto Alegre.

Por isso, não se pode tratar para nós evangélicos, ao comemorarmos o Dia da Reforma, de glorificar e enaltecer a pessoa do reformador; porque a causa da reforma, a causa evangélica, é unicamente a verdade, o Evangelho de Jesus Cristo.

Não conhece Martin Luther quem o vê somente como o grande herói ou até revolucionário que teve a coragem de enfrentar um mundo inteiro, lutando pela liberdade do homem: Luther não quer ser herói e ele não lutou pela liberdade humana; ele não é o primeiro grande defensor dos direitos individuais da pessoa humana. E nem tão pouco é nos permitido — porque seria contra a verdade — ver em Martin Luther o grande homem religioso, o Santo da Igreja. Mas, sob qual categoria devemos então encarar e compreender esse vulto singular do reformador? O que era Martin Luther?

Há um quadro de um pintor contemporâneo e amigo do reformador, Lucas Cranach; neste quadro vemos Martin Luther pregando do púlpito de sua Igreja em Wittenberg: diante de si a Bíblia aberta, ele fala à comunidade, mas a sua mão direita está estendida, indicando para o centro, e lá no centro encontra-se a cruz. Essa é a única legítima categoria, na qual podemos compreender o reformador: Ele é evangelista, e outra coisa não queria ser — servidor do Evangelho, servo de Jesus Cristo. A palavra que o apóstolo Paulo escreveu à sua comunidade: Nada me propus saber entre vós senão a Jesus Cristo, e esse crucificado — ela define também o que era o reformador. Quantas vezes disse claramente: Não se trata de mim, do meu nome, da minha pessoa; não tenho em meu poder nenhuma verdade especial, com a qual vos poderia ajudar; tenho unicamente uma mensagem, que me foi confiada a anunciar: o Evangelho de Cristo, o crucificado.

Martin Luther, perguntando unicamente pela verdade do Evangelho, passo a passo foi impellido a lutar contra a Igreja Romana. Em nenhum momento de sua vida, porém, Martin Luther cogitou de fundar uma nova Igreja. Ele sabia: A Igreja não é uma instituição humana que pudesse ser fundada por homens. A Igreja foi instituída uma vez para todas por Jesus Cristo mesmo. Mas esta foi a luta do reformador: que a Igreja deixasse de servir a interesses humanos, que ela tornasse a ser a Casa de Deus, edificada sobre o fundamento posto não por homens, mas por Deus mesmo: Jesus Cristo. É o maior malentendido da Reforma a opinião que para Luther se houvesse tratado de livrar o homem da Igreja, opinião tão vulgar entre protestantes que, cultivando a sua própria religiosidade individual, se consideram livres da Igreja. Para Luther a Igreja era, como lhe dizia o Novo Testamento, o Corpo de Cristo — como poderia alguém pertencer a Cristo senão como membro do seu corpo! Isolar-se da Igreja era para Luther separar-se de Cristo.

Lutando contra Roma ele não lutou contra a Igreja, mas pela Igreja. E tudo que tinha a opor às autoridades eclesiásticas, não o disse na opinião de que os homens não necessitassem da

Igreja, mas ao contrário: Por necessitarem da Igreja, por não poderem ser cristãos sem ela, por isso a Igreja deve ser verdadeiramente Igreja de Jesus Cristo, na qual Ele reina por sua palavra e os sacramentos, e não pode ser uma instituição entregue à vontade humana e destinada a glorificar o homem e a enaltecer a sua autoridade. Martin Luther, de fato, lutou pela liberdade, mas unicamente por essa liberdade do Evangelho, que dele fosse tóda autoridade na Igreja, para que os homens, ouvindo e aceitando o Evangelho, se tornassem livres de tóda autoridade humana para entregar-se à única e legítima autoridade na Igreja: ao Senhor Jesus Cristo.

A obra de Reforma, de Martin Luther e seus colaboradores, foi esta de pregarem novamente o Evangelho na Igreja: Que por Jesus Cristo somos filhos de Deus, e como filhos temos acesso a Deus sem quaisquer intermediários. Que Deus mesmo é o nosso único verdadeiro Senhor, do qual inteiramente dependemos e perante o qual somos responsáveis, e este Deus é o nosso Pai que nos ama. Essa é a liberdade evangélica, e outra Luther não conhecia: A liberdade de sermos filhos de Deus. Não mais necessitamos de sacerdotes nem santos que nos pudessem ajudar a preparar o caminho para Deus. Jesus Cristo é o caminho, e ninguém vem ao Pai senão por Ele. Nossa é a responsabilidade de ficarmos neste caminho. Nenhum outro aqui pode interceder por nós. Esta é a dignidade do cristão evangélico, que êle, êle mesmo, êle pessoalmente, se sabe responsável por si perante Deus. Assim Luther não diminuiu, mas aumentou a responsabilidade de cada cristão, e não podia ser de outra maneira, porque assim corresponde ao Evangelho. Se Jesus Cristo diz: Segue-me — então eu mesmo tenho que decidir-me, eu mesmo tenho que responder, e não posso ser substituído por ninguém.

Cristo, o crucificado — Ele é o centro da Reforma. Servo de Cristo — é o que foi o Reformador Martin Luther. E a mensagem central da Igreja da Reforma é a mensagem da cruz: A tal ponto Deus amou o mundo . . .

Cristãos evangélicos não procuram a sua própria honra e pessoa, mas com gratidão reconhecem a Cristo como seu verdadeiro Senhor; cristãos evangélicos não confiam em si mesmos, não se entregam à ilusão de serem melhores do que outros, mas sabem: Vivemos unicamente da Graça e Misericórdia de Deus, por isso não podemos orgulhar-nos de nós mesmos; só Cristo o crucificado nos pode ajudar; sem Ele estamos perdidos e condenados; mas a Ele podemos chegar-nos com tódas as nossas perguntas, com todo o nosso pecado, com tóda a culpa que está em nossa vida. Sim, podemos chegar à Cruz, para ouvirmos bem pessoalmente dita a nós a palavra do Salvador: Eu te remi, não temas, tu és meu.

Cristãos evangélicos, comemorando a data da Reforma fazem sua a confissão de Martin Luther:

Creio que Jesus Cristo, verdadeiro Deus, gerado do Pai desde a eternidade, e também verdadeiro homem, nascido da virgem Maria, é meu Senhor, que me remiu a mim, homem perdido e condenado, resgatou e salvou-me de todos os pecados, do poder da morte e do diabo; e isso não por meio de ouro e prata, mas sim por seu santo e precioso sangue, e por sua inocente paixão e morte, para que eu lhe pertença e viva submisso a **Ele** no seu reino, e lhe sirva em eterna justiça, inocência e beatitude, assim como **Ele** ressuscitou dos mortos, vive e reina eternamente.

Assim o creio firmemente.

E. Schlieper.

Evangelische Kirche lutherischen Bekenntnisses in Brasilien.

I. Evangelisches Zeugnis in Brasilien.

Das Evangelium wird in Brasilien laut in verschiedenen christlichen Organisationen.

Da ist zunächst als grösste die Organisation, die sich den Namen Igreja Católica Apostólica Romana gibt. Um die Herzen zu erreichen, hat das Evangelium in ihr u. a. folgende Hindernisse zu überwinden:

a) den Marienkult, wie er in den päpstlich vorgeschriebenen Mariendogmen und Anrufungen der Mutter Gottes, im Volk besonders auch durch die Ave Maria-Stunde des Rundfunks und durch die reisenden Marienbilder zum Ausdruck kommt. Hier ist die Gefahr, dass der Glaube vom Erlöser abgelenkt und auf die konzentriert wird, die gewürdigt wurde, seine irdische Mutter zu sein. Dass der Leitung der römisch-katholischen Kirche nicht viel an der Begründung ihrer Lehre und Praxis durch die heilige Schrift gelegen zu sein scheint, zeigt die Beobachtung, dass sie einerseits sehr auf die ntl. Begründung des Papsttums durch Matth. 16 und Joh. 21 pocht (vgl. jedoch Matth. 18, Joh. 20 und 1. Petr. 5, 1 (Petrus der Mitälteste — also höchstens *primus inter pares*), andererseits den Marienkult wohl einzig auf Joh. 19, 27 stützt, in Wirklichkeit aber auf rationale Erwägungen, vorchristliche Gebräuche und psychologische Bedürfnisse sowie aus ihnen entsprungene Traditionen aufbaut. Die Behandlung der Marienfrage durch den Papst ist ein warnendes Beispiel für die Gefahren, die daher kommen, dass man den Schlüssel der hl. Schrift in letzter Instanz einem Menschen anvertraut, von dem doch auch 1. Kor. 13. 9. 12. gilt. Der menschlich so begreifliche Wunsch, der Unvollkommenheit unseres Erkennens und der aus ihr folgenden Spaltung des Leibes Christi zu entrinnen, führte zur Übertragung der Glaubensentscheidungen an eine Instanz, die als unfehlbar postuliert wird und daher Irrtümer der Vergangenheit nicht